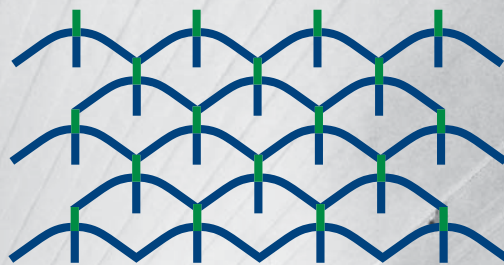


MUSEUS & MUSEOLOGIA



DESAFIOS DE UM CAMPO
INTERDISCIPLINAR

MONIQUE BATISTA MAGALDI
CLOVIS CARVALHO BRITTO
Organizadores



Nos últimos anos ocorreram transformações na configuração dos cursos de Museologia no Brasil. Até 2003, existiam em atividade dois cursos de graduação em Museologia no país, o da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e o da Universidade Federal da Bahia. Após essa data foram criados doze cursos nas cinco regiões do país, incluindo o da Universidade de Brasília em 2008. Também tem crescido o número de cursos de pós-graduação, publicações e eventos em Museologia. Essas transformações contribuem para reforçar as estratégias de vigilância comemorativa – instituindo marcos fundacionais, mitos de criação e ritos de passagem através de agentes, agenciamentos e obras – e, conseqüentemente, de fabricação de legados por meio de “explosões discursivas” em um campo interdisciplinar.

Na verdade, é importante problematizar a multiplicidade de conceitos em torno da interdisciplinaridade. Na maioria das vezes ela é analisada de modo unívoco, tendo como referência sua etimologia ou suas diferenciações com o multi e o transdisciplinar. Não é sem razão que existem diferentes “tradições” que a investigam sob as perspectivas epistemológica, instrumental e fenomenológica. Por isso é fundamental também compreendê-la como uma construção permeada por intencionalidades. No caso da Museologia como campo interdisciplinar privilegiado trata-se de visualizá-la como fruto de táticas de vigilância comemorativa e de fabricação de legados, projeto no qual este livro e seus autores estão inseridos.

Esta publicação celebra os dez anos da aprovação do curso de Museologia no Conselho Universitário da Universidade de Brasília e assume uma vocação metalinguística ao se tornar uma memória de itinerários de pesquisa sobre a memória. Os textos aqui reunidos contribuem, de certo modo, para a história da emergência de alguns problemas centrais no campo dos museus e da Museologia, explicitando possibilidades de pesquisa. O intuito foi mapear distintos itinerários de investigação, apontando estratégias, conquistas e rupturas em um momento de profundas redefinições nos repertórios da memória.



Fotografia: Monique Magaldi
Museu Nacional/UFRJ, 2011

Realização:



Apoio:



MONIQUE BATISTA MAGALDI

CLOVIS CARVALHO BRITTO

Organizadores

MUSEUS & MUSEOLOGIA:

DESAFIOS DE UM CAMPO INTERDISCIPLINAR

Brasília

UNB – CURSO DE MUSEOLOGIA | FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – FCI

2018

Comitê Editorial

Dra. Ana Albani – Universidade Federal do Rio Grande do Sul;
Dra. Ana Lúcia de Abreu Gomes – Universidade de Brasília;
Dra. Camila Azevedo de Moraes Wichers – Universidade de Goiás;
Dra. Júlia Nolasco Leitão Moraes – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro;
Dra. Joseania Miranda Freitas – Universidade Federal da Bahia;
Dr. Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha – Universidade Federal da Bahia;
Dra. Maria Margaret Lopes – Universidade de Brasília;
Dra. Marize Malta – Universidade Federal do Rio de Janeiro / Museu Dom João VI
Dra. Zita Rosane Possamai – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Projeto Gráfico

Maíra Zannon | Ilha Design

Fotografia de Capa

Monique Magaldi

M986 Museu & museologia : desafios de um campo interdisciplinar /
 Monique B. Magaldi, Clóvis Carvalho Britto, organizadores. –
 Brasília : FCI-UnB, 2018.
 186 p. : il.; 21 cm.

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-88130-51-7

1. Museologia. 2. Museu. 3. Pesquisa. I. Magaldi, Monique B.
(org.). II. Britto, Clóvis Carvalho (org.).

CDU 069

SUMÁRIO

A MUSEOLOGIA É UMA ILHA DE EDIÇÃO: VIGILÂNCIA COMEMORATIVA E FABRICAÇÃO DE LEGADOS.....	9
MONIQUE BATISTA MAGALDI CLOVIS CARVALHO BRITTO	
10 ANOS DO CURSO DE GRADUAÇÃO DE MUSEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA.....	15
MONIQUE BATISTA MAGALDI	
PESQUISA EM MUSEUS E PESQUISA EM MUSEOLOGIA: DESAFIOS POLÍTICOS DO PRESENTE.....	19
BRUNO BRULON	
“SERVE PARA O DESUSO PESSOAL DE CADA UM”: NOTAS SOBRE A PESQUISA E O INDIZÍVEL NOS MUSEUS E NA MUSEOLOGIA.....	37
CLOVIS CARVALHO BRITTO	
OS MUSEUS E OS PRIMÓRDIOS DA MUSEOLOGIA BRASILEIRA NO SÉCULO XIX.....	61
ANDREA FERNANDES CONSIDERA	
A CULTURA DO PATRIMÔNIO NA BAHIA: PESQUISAS EM ANDAMENTO (1835-1970).....	73
SUELY MORAES CERÁVOLO	
A COLEÇÃO ABELARDO RODRIGUES E OS OBJETOS RELIGIOSOS COMO OBRAS DE ARTE EM MUSEUS.....	83
EMERSON DIONÍSIO GOMES OLIVEIRA	

O TRAJE DE OYÁ IGBALÉ: PRESSUPOSTOS PARA A PESQUISA EM ARTE A PARTIR DA INDUMENTÁRIA DE CANDOMBLÉ MUSEALIZADA.....	99
MARIJARA SOUZA QUEIROZ	
MUSEU ANTROPOLÓGICO E BACHARELADO EM MUSEOLOGIA DA UFG: DINÂMICAS DE ATUAÇÃO CONJUNTA E INTERDISCIPLINAR.....	117
MANUELINA MARIA DUARTE CÂNDIDO NEI CLARA DE LIMA	
CIBERMUSEOLOGIA E MUSEOLOGIA VIRTUAL: AS DIFERENTES DEFINIÇÕES DE MUSEUS ELETRÔNICOS E SUA RELAÇÃO COM O VIRTUAL.....	135
MONIQUE BATISTA MAGALDI BRUNO BRULON MARCELA MARIA FREIRE SANCHES	
MUSEOLOGIA SOCIAL E DIREITOS HUMANOS: A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO EXERCÍCIO DE CIDADANIA.....	157
SILMARA KUSTER DE PAULA CARVALHO	
GALERIA DE FOTOS DO I ENCONTRO DE MUSEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – DESAFIOS DE UM CAMPO INTERDISCIPLINAR.....	177



MUSEOLOGIA SOCIAL E DIREITOS HUMANOS: A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO EXERCÍCIO DE CIDADANIA

Silmara Küster de Paula Carvalho¹

Resumo: Há muitos formatos de projetos nominados como “extensão”. Na abordagem aqui delineada é compreendida como uma via de mão dupla capaz de promover crescimento mútuo, desde que permeada pelo diálogo, a interpretação e a crítica entre os envolvidos no processo. Esta ação poderá ser potencializada a partir da escuta do outro. No entanto, quando imposta na forma de ‘depósito de conteúdos’ torna-se inapropriada, uma vez que reduzimos ‘o outro’ em objeto de pesquisa ou ‘coisas’, sem ao menos dar a oportunidade de revelar a forma como vê e entende o mundo. Ao compreendermos que somos ao mesmo tempo educadores e educandos, sujeitos inacabados no processo da relação ‘Eu-Tu’, nos reinventamos e continuamente aprendemos (BUBER, 1979). Desta feita, no conhecimento compartilhado é necessário assumir “o papel de sujeitos cognoscentes, mediatizados pelo objeto cognoscível que buscam conhecer” (FREIRE, 1970, p. 28). A presente comunicação intenta relatar a experiência do Curso de Museologia da Universidade de Brasília no projeto de ação contínua, realizada no Ponto de Memória da Cidade Estrutural, área periférica de Brasília e iniciada em junho de 2011. Serão apontados os reveses, as conquistas e as propostas para o futuro. A experiência nos demonstrou que a proposta metodológica extensionista deve ser construída a cada encontro, sustentado por um processo aberto e dialógico, considerando as vivências e experiências de cada participante, oportunizando assim integração e interação, além do contínuo desafio de pensar o pensado a fim de transformar a realidade. E é no reconhecimento da multidimensionalidade da realidade humana que a presente proposta foi vivenciada.

1 Professora Mestre em Tecnologia pela UTFPR, Especialista em Conservação pela UFPR, Professora do Curso de Museologia da Universidade de Brasília e Doutoranda em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias em Lisboa.



Palavras-chave: Extensão. Ponto de Memória. Museologia Social. Conservação.

THE UNIVERSITY EXTENSION PROGRAM AS AN EXERCISE OF CITIZENSHIP

Abstract: The university extension program is understood as a two-way street capable of promoting mutual growth since it is permeated by dialogue, interpretation, and criticism among those involved in the process. This action is strengthened by listening to the other. However, when imposed in the form of 'content storage' we reduce 'people' into research objects or 'things', without at least giving them the opportunity to reveal the way they see and understand the world. When we understand that we are both educators and learners, unfinished subjects in the 'Me-You' process, we reinvent ourselves and learn continually (BUBER, 1979). Therefore, in the shared knowledge it is necessary to assume "the role of cognitive subjects, mediated by the knowable object that they seek to know" (FREIRE, 1970, p.28). This paper attempts to report on the experience of the Museology Course at the University of Brasilia in the project of continuous action, held at the Memory Point of the Cidade Estrutural, a peripheral area of Brasília, and started in June 2011. It is going to be pointed out the setbacks, achievements, and proposals for the future. This experience has shown us that the extension methodological proposal must be built at each meeting, supported by an open and dialogical process, considering the experiences and experiences of each participant, thus providing integration and interaction, as well as the continuous challenge of thinking the thought in order to transform reality. And it's in the recognition of the multidimensionality of human reality that the present proposal was experienced.

Keywords: Extension. Memory point. Social Museology. Conservation.



Introdução

**“Não há saber mais ou saber menos.
Há saberes diferentes.”
(Paulo Freire)**

No ano de 2010 ocorreu em Brasília (DF) a quarta edição do Fórum Nacional de Museus promovido pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), cujo tema foi *Direito à Memória, Direito a Museus*. Na ocasião entrei em contato com os gestores do futuro Ponto de Memória, ainda em constituição, que à época solicitaram uma parceria com a Universidade de Brasília. Nesse mesmo ano alguns integrantes da cidade Estrutural, que eu havia conhecido no referido Fórum, começaram a assistir às minhas aulas de Conservação na UnB. Como a disciplina da graduação estava iniciando, convidei os gestores do Ponto de Memória para assistirem as aulas, cujo foco foi o estudo introdutório da conservação preventiva, o reconhecimento dos processos de degradação de acervos e a importância de procedimentos corretos durante o manuseio e o acondicionamento de acervos. Ao mesmo tempo em que as aulas ocorriam, fui convidada a participar das reuniões no Movimento de Educação e Cultura da Estrutural (MECE), na cidade Estrutural.

Ao conhecer a cidade Estrutural, o impacto foi grande, principalmente pelo fato de estar localizada próximo ao Plano Piloto, mas com grande diferença no que diz respeito à qualidade de vida. Ruelas estreitas e sem asfalto, casas pequeninas, sem vegetação, apenas uma escola e os altos índices de criminalidade. Localizado em área periférica de Brasília, a 15 km do centro da Capital Federal, o lixão da Estrutural, desativado em janeiro de 2018, foi o ponto inicial para a formação da cidade. Na década de 1960, catadores de recicláveis em busca de subsistência iniciam suas atividades no aterro sanitário, instalando sua moradia próximo ao lixão. Nos idos da década de 1970 a construção da rodovia DF-95 Estrada Parque Ceilândia (EPCL) (Estrutural) com vistas a interligar a Estrada Parque de Indústria e Abastecimento (EPIA) a Taguatinga e Ceilândia (BR-070), contribuiu para a ocupação da área. Conforme a CODEPLAN (2013), no início da década de 1990 havia apenas cem barracos e foi prevista pelo Governo do Distrito Federal a remoção dessas famílias devido à proximidade das moradias com o lixão, com o Parque Nacional de Brasília e com o gasoduto da Petrobrás. No entanto, houve uma expansão irregular da ocupação e muita resistência, originando a Vila Estrutural. Atualmente, a cidade Estrutural conta com uma população de 40 mil habitantes.



A cidade Estrutural foi uma das 12 cidades selecionadas para receber o Programa Pontos de Memória. Este programa foi uma realização entre o IBRAM/MinC, o Programa Mais Cultura e a Cultura Viva/MinC, o Programa Nacional de Segurança com Cidadania (Pronasci) do Ministério da Justiça e a Organização dos Estados Ibero-americanos (OEI). O objetivo do Programa foi oportunizar o protagonismo social de comunidades, pelo direito à memória em comunidades excluídas.

Durante o ano de 2010, o Instituto Brasileiro de Museus realizou várias oficinas de cunho museológico para os futuros gestores do Ponto de Memória e a comunidade interessada.

No dia 21 de maio de 2011, fazendo parte da 9ª Semana Nacional de Museus, foi inaugurado o Ponto de Memória da Estrutural (Figura 1).

Fig. 1 – Inauguração do Ponto de Memória da Estrutural



Fonte: Acervo do Ponto de Memória da Estrutural

Nesse mesmo mês, os professores do Curso de Museologia foram consultados pelo IBRAM sobre a possibilidade de realizar uma extensão em museologia naquela localidade. Ao ser designada a pensar a extensão e por ter tido um contato direto com o MECE no ano anterior, criei o projeto intitulado “Conservação do Acervo do Ponto de Memória da Cidade Estrutural”. Ele foi configurado a partir das normativas do Conselho Internacional de Museus–Comitê de Conservação, no que tange à conservação de bens tangíveis, considerando que o acervo do Ponto de Memória da Cidade Estrutural estava em processo de formação, especialmente após a exposição “Luta, Resistência e Conquista” aberta em maio de 2011, ocasião da inauguração do Ponto de Memória. O acervo em questão era constituído por fotografias, documentos arquivísticos, vídeos



com registro de história oral, vídeos da cidade, objetos coletados pela comunidade, além da arte do grafite.

O projeto de extensão aprovado no Edital FLUEX – 1ª edição, da Universidade de Brasília em 2011, foi lançado no dia 16 de junho de 2011 na Faculdade de Ciência da Informação (FCI) com a participação de representantes do Decanato de Extensão (DEX–UnB), representantes da FCI-UnB, Organização dos Estados Ibero-americanos (OEI), autoridades do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), palestrantes do IBRAM e representantes do Ponto de Memória da Cidade Estrutural.

A Figura 2 mostra o convite de lançamento do projeto de extensão *Conservação e Acervo do Ponto de Memória da Cidade Estrutural*.

Fig. 2 – Convite Lançamento do Projeto de extensão



Fonte: Relatório de Extensão UnB, 2011

Após esse evento, foi realizado também o lançamento do projeto na Cidade Estrutural no dia 18 de junho do mesmo ano com o objetivo de apresentar aos integrantes do Ponto de Memória a equipe executora do projeto e os alunos extensionistas.

Ao iniciarmos as atividades constatei que o projeto original deveria ser adaptado para aquela realidade. Além disso, refleti acerca da conservação aplicada em

acervos diversificados, procedentes de locais distintos aos comumente trabalhados na conservação em museus clássicos. No âmbito das políticas de preservação não basta coletar objetos, imagens e depoimentos, é preciso contextualizá-los, registrá-los, levantar o seu significado, dar sentido a eles e, de certa forma, redimensioná-los no tempo e no espaço. No que concerne à atuação da Museologia Social foi necessário expandir da conservação propriamente dita para adentrar a escuta daqueles sujeitos sociais.

Follmann (2014) chama a nossa atenção sobre a defasagem que existe entre a academia e a sociedade. O autor realça a importância da inter e transdisciplinaridade como pertinente para dirimir este distanciamento, além disso faz referência às palavras de Papa Francisco em uma entrevista à Revista *Civiltà Cattolica* (2013, p.25) que o fez refletir sobre a importância em se “estabelecer uma inferência interessante sobre o diálogo necessário e permanente entre o laboratório e a realidade complexa”.



Assedia-nos, sempre, o perigo de viver como em laboratório. [...] Os laboratórios me causam medo, porque no laboratório os problemas são dissecados e levados para casa, fora de seu contexto, para domesticá-los, para dar-lhes um verniz. Não se pode levar as fronteiras (da realidade complexa) para casa, é necessário viver nas fronteiras e ser audazes (FRANCISCO, 2013, p. 8, citado por Follmann, 2014, p.25).

Diante do exposto, Follmann (2014) evidencia a importância da extensão universitária, já estabelecida nas universidades brasileiras, que corrobora extensão como a prática que aproxima o ensino e a pesquisa da realidade social. E esse foi o grande desafio inicial: a integração entre os atores envolvidos, ou seja, aproximar a equipe executora dos gestores e da comunidade local.

Após vários encontros, ficou claro o engajamento da comunidade na revitalização da sua história, na busca por indícios de memória através da coleta de bens materiais e imateriais significativos no texto e no contexto daquela realidade social. Desta feita, outras atividades foram acrescentadas ao projeto original, tendo em vista as demandas apresentadas pelos integrantes do Ponto de Memória. E, a partir do diálogo com a comunidade, o projeto foi aos poucos sendo redesenhado.

Então foram realizados vários encontros com atividades de integração abrangendo música, desenho e dinâmicas de grupo cuja temática norteadora foi a preservação da memória cultural individual e coletiva. Essas atividades de integração aproximaram os agentes envolvidos no processo propiciando um diálogo aberto com interpretação das vivências e críticas (Figuras 3, 4 e 5).



Fig. 3 – Atividade de integração conduzida pela Profa. Silmara Küster

Fonte: Relatório de Extensão UnB, 2011



Fig. 4 – Apresentação da proposta com a Profa. Déborah Silva Santos



Fig. 5 – Atividade de Integração estudantes Julia e Sâmia e jovens da comunidade



Fonte: Ponto de Memória, 2011
Foto: Silmara Küster

2. Atividades Extensionistas

2.1 Conservação de têxteis e *patchwork*

Dentre as demandas da comunidade e o que estava ao nosso alcance, houve concordância em realizar uma oficina de *patchwork*. A proposta do curso partiu da professora Ana Abreu, executora e responsável pela atividade. O curso de costura com reaproveitamento de retalhos de tecidos foi trabalhado na técnica do *patchwork*. Ao todo, 23 senhoras participaram das aulas que abrangeu técnicas de costura manual. A temática da conservação de têxteis foi introduzida na medida das questões apresentadas pelo próprio grupo e de forma transversal à atividade em cada encontro. O resultado foi surpreendente. Foi possível constatar a dedicação das senhoras na atividade e a confiança que a comunidade demonstrou com a professora responsável. À medida que a atividade era conduzida, o fio da memória também estava sendo tecido entre elas. Os alunos extensionistas participaram de todas as atividades teóricas e práticas propostas (Figuras 6 e 7).



Fig. 6 – Professora Ana Lúcia com as senhoras participantes da oficina de *patchwork*



Fig. 7 – Aluno extensionista Lucas Moura



Fonte: Ponto de Memória, 2011
Foto: Silmara Küster

Conforme o relatório apresentado pela Professora Ana Lúcia de Abreu Gomes:

Neste sentido, ao longo de parte do mês de setembro, e dos meses de outubro e parcela do mês de novembro foram desenvolvidas aulas com o fito de associar as recomendações básicas da conservação de têxteis ao trabalho de aproveitamento e reciclagem de tecidos por meio da aprendizagem das técnicas do trabalho com retalhos (*patchwork*).

Foram desenvolvidas oficinas de trabalhos práticos que enfocaram os tecidos e sua tipologia (naturais e sintéticos) assim como a melhor adequação do tecido ao trabalho. Houve orientações acerca do corte do tecido visando contribuir para sua durabilidade assim como orientação acerca do processo de costura dos mesmos. Outras orientações acerca da escolha das cores dos tecidos, assim como os cuidados relacionados às formas de lavagem e secagem do material foram igualmente abordadas (Professora Ana Lúcia Abreu – relatório apresentado ao DEX em 2012).

Outra atividade vinculada à questão da conservação de têxteis foi conduzida com as costureiras locais. Foram apresentadas demandas dos museus no que concerne à preservação de têxteis. Após vários encontros, um protótipo para acondicionamento de têxteis foi confeccionado a partir das necessidades apontadas para esta tipologia



de acervo. A autora deste artigo conduziu a atividade e propôs experimentar com a costura alguns materiais utilizados em conservação de acervos, como por exemplo, o poliéster inerte (Mylar) e um não tecido (Tyvek), além do não tecido conhecido comercialmente como TNT. Foram também preparados protótipos para cabides com revestimento em tecido de algodão lavado. Esses protótipos foram apresentados na oficina de preservação de têxteis realizada no Museu Paranaense em Curitiba (PR). Pretende-se, na continuidade da proposta, criar alternativas de acondicionamento para têxteis museológicos, incentivando assim, por meio de uma cooperação técnica, a economia solidária junto às costureiras do Ponto de Memória da Cidade Estrutural.

2.2 Visita técnica

Após integração dos participantes do Ponto de Memória, realizamos a primeira visita técnica no dia 30 de julho de 2011 no Museu Vivo da Memória Candanga. A mediação foi conduzida pela aluna extensionista Hérica com contribuições da aluna Anna Paula. Foi apresentada ao grupo, de forma clara e didática, a história de Brasília e a participação dos Candangos na construção.

Algumas questões sobre a teoria do objeto, sobre a musealização de espaços e sobre questões relacionadas com a Museologia Social foram abordadas. Ao observarmos a montagem do espaço com objetos de cozinha utilizados pelos candangos, um dos participantes revisitou emocionado o passado vivenciado comparando a exposição com as condições de vida na Cidade Estrutural há alguns anos, gerando uma reflexão sobre aspectos vivenciados.

Também foi observado pelos participantes a conservação dos bens expostos e temas da conservação propriamente dita, tais como as causas prováveis da degradação de acervos observados no espaço expositivo (Figuras 8, 9, 10, 11 e 12).



Fig. 8 – Grupo reunido em frente ao Ponto de Memória

Fonte: Ponto de Memória, 2011



Fig. 9 – Chegada ao Museu Vivo da Memória Candanga



Fig. 10 – Foto oficial do grupo

Fonte: Ponto de Memória, 2011

Fig. 11 – Atividade mediada no Museu



Fig. 12 – Mediação: Aluna Hérica Lorena



Fonte: Ponto de Memória, 2011

2.3 Inventário Participativo

Na sequência das atividades, iniciamos a introdução teórica e prática para a realização do inventário participativo. Essa atividade foi conduzida pela professora Deborah Silva Santos, trabalhando diretamente com os gestores do Ponto de Memória para que eles pudessem ser os capacitores e multiplicadores junto à comunidade. A abordagem teve início com a apresentação sobre museus e museologia e a introdução ao inventário participativo. As aulas teóricas/expositivas e as práticas foram conduzidas e coordenadas pela professora Deborah Silva Santos (Figuras 13 e 14).

Fig. 13 – Oficina de Inventário Participativo coordenado pela Professora Deborah Silva Santos e gestores do Ponto de Memória

Fig. 14 – Oficina de Inventário Participativo



Fonte: Ponto de Memória, 2011
Foto: Silmara Küster

Essa professora realizou uma atividade prática teatral para demonstrar como se deve proceder na realização da história oral, subsídio para o inventário participativo.

Os extensionistas adaptaram fichas de registro de inventário participativo com os dados elencados pelos voluntários e gestores do Ponto de Memória. As questões levantadas pelos voluntários e gestores foram aquelas entendidas como fundamentais para conduzir o inventário participativo junto à comunidade. Além disso, apresentaram aula teórica sobre documentação museológica, abrangendo apresentação de vários modelos de fichas e como fazer a contextualização para o preenchimento delas.



A tabela 1 apresenta uma síntese das atividades preparatórias para o inventário realizadas no período.

Tabela 1. Síntese das atividades realizadas para o inventário participativo

Temas	Museu e Museologia
22/10/2011	I – Museu e Museologia - Definições: II – Questionário Participativo - elaboração do questionário/ficha do inventário/coleta/tabulação dos dados/ organização e guarda do material
29/10/2011	I- Histórico/Tipologias/Museus do DF/Museu Comunitário
	Inventário participativo
05/11/2011	I – Inventário participativo a. Levantamento e mapeamento dos patrimônios significativos da localidade b. Linhas de pesquisa c. Questionário informativo e referencial d. Inventariados e. Inventariantes
12/11/2011	Conteúdo Programático: História oral I – Entrevistas semi-estruturadas II – Depoimentos de vida III – Roda de conversas IV – Coletores/planejamento/coleta/guarda do material
10/12/2011	Aula ministrada pelas alunas de extensão: Sâmia e Érica Conteúdo Programático: I – Acervo/objeto/coleção II – Introdução a documentação museológica III – Inventário do acervo IV – Comunicação em Museu a Exposição

Fonte: Ponto de Memória, 2011



Atividades de conservação

Durante a Semana de Extensão entre os dias 1º e 8 de outubro de 2011, realizamos, com os integrantes do Ponto de Memória, uma exposição cuja chamada foi “A leitura do Mundo precede a leitura da palavra” (Paulo Freire) *Vivências e Convivências*. Esta exposição apresentou uma síntese das experiências vivenciadas por estudantes, professores do Curso de Museologia da UnB e a comunidade da Estrutural. No referido evento foi integrada a exposição “Movimentos da Estrutural – Luta, Resistência e Conquista”. Conforme já citado, essa exposição havia sido aberta em maio de 2011 na ocasião da inauguração do Ponto de Memória. Cabe destacar que, à época, foi concebida e executada pelos gestores do Ponto de Memória em parceria com o Instituto Brasileiro de Museus. Muitos dos materiais expográficos utilizados foram retirados do lixo e revitalizados pela comunidade. Para a semana de extensão, a troca de experiências entre a universidade e a comunidade foi fundamental, uma vez que oportunizou aos visitantes conhecer aspectos culturais da cidade Estrutural a partir desta primeira itinerância da exposição para a Biblioteca Central da Universidade de Brasília.

Fig. 15 – Convite para a Semana de Extensão



Fonte: Ponto de Memória, 2011



Anteriormente à reapresentação da exposição, foi sugerida a higienização prévia dos objetos que seriam expostos na Biblioteca Central (BCE), com a participação dos estudantes da disciplina Museologia e Preservação 1 do curso de Museologia. Dentre os procedimentos, foi realizado um diagnóstico de conservação e definidos os procedimentos técnicos a serem adotados. O interessante foi pensar a aplicação da conservação em materiais diversos aos frequentemente encontrados em museus.

As figuras que seguem ilustram a higienização da “Pipa” pelos estudantes e que foi exposta durante o evento (Figuras 16 a 20).

Fig. 16 – Pipa confeccionada pelos integrantes do Ponto de Memória como elemento expositivo, símbolo da cidade Estrutural, na rabiola estão manuscritos os sonhos da comunidade.

Fig. 17 – Higienização da Pipa na FCI



Fonte: Ponto de Memória, 2011. Foto: Silmara Küster



Fonte: Aula de MP2, 2011. Foto: Silmara Küster

Fig. 18 e 19 – Higienização da Pipa na FCI



Fonte: Aula de MP2, 2011. Foto: Silmara Küster

Os extensionistas estudaram o espaço expositivo da BCE e propuseram uma releitura da referida exposição. Nesta etapa do trabalho, participou das discussões a Professora Monique Magaldi do Curso de Museologia.

Durante a desmontagem no Ponto de Memória e a Montagem na Biblioteca Central da UnB, os voluntários e gestores do Ponto de Memória tiveram participação intensa, sem a qual a exposição não seria remontada a tempo.

Na abertura da exposição, dois importantes eventos ocorreram com artistas da Cidade Estrutural, a saber: apresentação musical com o violinista Hudson Teixeira Mendes e a pintura do painel em grafite na dimensão 3m x 5m realizado no dia da abertura da exposição pelo artista Tiago Martins. O tema trabalhado pelo artista foi uma homenagem a Paulo Freire. A pintura foi realizada na frente da Faculdade de Ciência da Informação e posteriormente integrada à exposição na BCE (Figura 15). Na ocasião jovens da cidade Estrutural acompanharam todo o processo da pintura.



Fig. 20 – Tiago Martins, grafiteiro da cidade Estrutural, no processo de execução da pintura

Fonte: Ponto de Memória, 2011.

Foto: Silmara Küster

Durante a semana de extensão, 499 pessoas visitaram a exposição, conforme registro em livro ata do Ponto de Memória da Estrutural. A exposição permaneceu de 1º a 8 de outubro no espaço expositivo da BCE. No dia 6 de outubro foi realizado um teatro com fantoches em que foi contada a luta pela terra e moradia, aspectos relacionados aos catadores e preservação do meio ambiente. Na ocasião foram apresentadas pela coordenadora do projeto as atividades desenvolvidas na extensão. Após o teatro e a explanação das atividades foram abertas para debate várias questões trazidas pelo público tais como: questões de moradia e invasão, moradia próxima ao lixão, o contraditório existente na comunidade.

Foram proferidos alguns depoimentos de alunos da FCI que moram na Cidade Estrutural abrangendo questões relacionadas a cidadania, direitos e deveres, problemas e busca de soluções.



Tabela 2. Trechos de depoimento de estudantes que participaram da extensão em 2011

Isabel Caroline de Sousa – Estudante de Biblioteconomia

A extensão do Ponto de Memória da Estrutural é um entrelaço de sonhos canalizados para satisfação coletiva.

Maria Luíza Lopes – Estudante de Museologia

Satisfação. É com esta palavra que defino minha vivência neste projeto. É plenamente satisfatório ver a comunidade levando este lugar de memória a sério. O sorriso de cada jovem e a empolgação de cada participante das oficinas, faz qualquer esforço valer a pena.

Anna Paula da Silva – Estudante de Museologia

A vivência no Ponto de Memória da Estrutural me fez compreender o significado das experiências de um grupo e como o meio acadêmico pode contribuir para o desenvolvimento de práticas cidadãs para uma sociedade melhor.

Hérika Lorena Cavalcante Nogueira – Estudante de Museologia

O projeto de extensão do Ponto de Memória da Cidade Estrutural tem superado minhas expectativas. Conhecer mais de perto a realidade e a forma com que as pessoas da comunidade lidam com ela, tem me feito perceber a importância que um projeto de extensão pode ter na vida de cada uma delas. Como ferramenta de transformação e inclusão social, a extensão tem agregado valor não só a minha formação acadêmica mais também a minha formação como pessoa.

Sâmia Siqueira – Estudante de Museologia

A participação no projeto de extensão do Ponto de Memória tem me mostrado a importância da interação entre Universidade e sociedade, pois a cada dia é evidente a meus olhos como tem sido o exercício contínuo da contribuição mútua de conhecimento entre a comunidade da Estrutural, eu e todos os participantes do projeto. A ação transformadora está surgindo por meio das relações de amizade e comprometimento entre todos os envolvidos neste projeto de extensão. Todo o processo tem sido muito enriquecedor para a minha vida acadêmica e pessoal, principalmente servindo como uma ótima experiência que me faz crescer e amadurecer.

Lucas Moura – Estudante de Museologia

Tem sido uma experiência única participar de um projeto em que o principal objetivo é promover a importância da memória de cidadãos que lutaram e ainda lutam pela conquista de um espaço na sociedade, um desenvolvimento coletivo é feito a partir da vivência da comunidade em conjunto com o conhecimento acadêmico.

Fonte: Relatório do Projeto de Extensão, 2011.



Conclusão

Procurei, neste breve relato, apresentar a experiência de extensão universitária realizada de junho a dezembro de 2011 pelo Curso de Museologia da UnB. Durante a realização do projeto de extensão foi possível estabelecer interações com pessoas da comunidade, oriundas de várias localidades brasileiras enriquecendo as atividades. São histórias de vida com origens diversas e que, em certo momento, se entrecruzaram em objetivos comuns. Ao apresentarmos a proposta inicial, algumas questões foram revistas em conjunto com os gestores do Ponto de Memória de maneira a reestruturá-lo de acordo com a demanda apresentada. Procurou-se abordar também o aspecto do intangível e das memórias ainda presentes em cada trajetória. Portanto, o presente projeto não ficou circunstanciado apenas ao acervo tangível conforme apresentado em sua concepção original, mas também na observação e introdução ao estudo das diversas manifestações culturais intangíveis, ora em repouso, ora reveladas nas atividades propostas. Estas manifestações decorrem da teia de relações configuradas e reconfiguradas a partir de histórias de vida que certamente não tiveram seu início naquela localidade, mas que hoje se estabeleceram a partir de muita resistência, caminhos e silêncio. É possível que as reflexões acerca da preservação possam ter propiciado em algum momento certo alongamento do olhar sobre a trajetória daquela comunidade e o reconhecimento da responsabilidade individual na atuação conjunta do grupo a respeito dos caminhos percorridos no passado, o agir no presente e o preparar para o futuro.

Ressaltamos que *a priori* é necessário que a universidade alcance os saberes sociais e que se investigue como esses saberes sociais são compostos em uma linha política, social, econômica e cultural, para posterior estudo, pesquisa e atividades junto às comunidades. Isto posto, é importante que a universidade esteja aberta para discutir questões emergenciais a partir de realidades diversas, principalmente as apontadas pela comunidade externa.

O projeto de extensão “Conservação e acervo do Ponto de Memória da Cidade Estrutural” foi de grande oportunidade para os agentes envolvidos na execução das diversas atividades, uma vez que houve engajamento dos professores e estudantes que oportunamente procuraram aplicar nas atividades extensionistas conhecimentos trabalhados em disciplinas cursadas no Curso de Museologia da UnB. Nesse contexto, o envolvimento dos estudantes na ação extensionista foi ao encontro do já preconizado por Jaques Delors sobre a educação para o século XXI, o “Aprender a conhecer”



legitimado no “Aprender a Fazer”. Conseqüentemente, os agentes envolvidos tiveram a oportunidade de “Aprender a viver junto, aprender a conviver com os outros” alcançando, assim, os saberes sociais.

Sendo assim, é necessário verificar como esses saberes sociais poderão contribuir para um alongamento do olhar no que concerne à construção de objetivos comuns da pesquisa, ensino e extensão de forma a democratizar o saber acadêmico nas diversas temáticas e demandas surgidas na comunidade.

As atividades realizadas propiciaram reflexões para além do patrimônio cultural tangível e, de certa forma, permitiram um trânsito sobre as questões teóricas da Preservação do Patrimônio Cultural como instrumento de revitalização, percepção e pertencimento ao mundo.

A proposta metodológica foi trabalhada a partir de um projeto político pedagógico aberto e dialógico considerando as vivências e experiências da comunidade participante nas atividades.

Entre 2011 e 2018, inúmeras atividades foram realizadas e outras estão em curso no âmbito da extensão, tais como a participação na concepção e montagem da segunda exposição “A mulher e a cidade”; atividades relacionadas à Editora Popular Abadia Catadora abrangendo encadernação, reciclagem de papel, mapeamento de escritores locais e sarau de poesia; atividades de Inventário Cultural a partir de oficinas, rodas de conversa, entrevistas orais realizadas na cidade Estrutural; além de participação conjunta em movimentos e atividades pertinentes ao Ponto de Memória da Estrutural.

Esperamos que o *status* fundante do projeto de extensão se estabeleça muito além de um simples projeto escrito, mas seja uma ponte para a construção do conhecimento com e para a comunidade. Rodrigues da Cruz (2007) destaca que integrar o homem ao seu meio, à sua cultura, é função de todas as unidades funcionais da sociedade. E isso não poderá ser diferente nas escolas, nas universidades, nas instituições de uma forma geral e não poderá ser diferente na atuação do Ponto de Memória, uma vez que (...) “Quem prioriza o ser humano, prioriza o ser humano em todos os sentidos”, então o Ponto de Memória deverá também estar em movimento para aprender e ensinar numa visão de uma política pedagógica da cultura, envolvendo um crescimento contínuo.

A presente proposta tem sido um projeto aberto, de ação contínua e que se adequa às necessidades emergenciais e as incertezas que vão surgindo no decorrer da execução da ação. Esta adequação à realidade da comunidade concomitantemente ao conhecimento que se propõe aplicar tem sido o nosso grande desafio.



O projeto foi coordenado inicialmente pela autora deste artigo, posteriormente pelas professoras Deborah Silva Santos e Professora Marijara Queiroz. Acreditamos que, a cada coordenação, um movimento a mais rumo à compreensão e aplicação da Museologia Social vai se aprimorando. Somamos esforços pelo objetivo comum de partilhar conhecimentos na relação eu-tu e nessa relação fazer a vivência na Museologia Social.

Referências Bibliográficas

BUBER, Martin. *Eu e Tu*. São Paulo: Editora Moraes, 1979.

CODEPLAN (2013). Acesso em 30 de setembro de 2018 disponível online em <http://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/Estudo-Urbano-Ambiental-SCIA-Estrutural.pdf>

CRUZ, M.R. *Palestra: Panorama do Patrimônio Cultural Paranaense na Contemporaneidade Desafios e Tendências*. Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, 2007.

FOLLMANN, José Ivo. Dialogando com os conceitos de transdisciplinaridade e de extensão universitária: caminhos para o futuro das instituições educacionais. *Revista Interthesis*, Florianópolis, v. 11, no. 1, p. 23-42, 2014.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* 7a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.



GALERIA DE FOTOS DO I ENCONTRO DE MUSEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA: DESAFIOS DE UM CAMPO INTERDISCIPLINAR

Fotografias: Yasodara Lemos









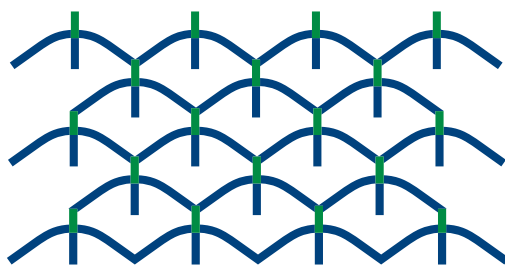








MUSEUS & MUSEOLOGIA



DESAFIOS DE UM CAMPO INTERDISCIPLINAR

MONIQUE BATISTA MAGALDI
CLOVIS CARVALHO BRITTO

Organizadores

Brasília

UNB-CURSO DE MUSEOLOGIA | FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – FCI

2018

A pesquisa como uma das funções básicas dos museus, os museus como fontes e espaços privilegiados para a pesquisa e a Museologia como campo do saber que reflete sobre as implicações dos processos museológicos são o *leitmotiv* desta publicação.

Este livro reúne textos resultantes de pesquisas no campo dos museus e da Museologia apresentados pelos palestrantes ou elaborados pela comissão científica e organizadora do **I Encontro de Museologia da Universidade de Brasília** ocorrido entre os dias 8 e 10 de outubro de 2018. Ele consiste no registro de um significativo momento de reflexão que envolveu pesquisadores de diversas instituições brasileiras e no estímulo para novos trabalhos conforme destacado no subtítulo do evento: “desafios para um campo interdisciplinar”.

